PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL EM MULHERES COM AMOR PATOLÓGICO E SUA RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA POR PARTE DO PARCEIRO ÍNTIMO

PSYCHOSOCIAL ASPECTS OF INTERGENERATIONAL TRANSMISSION IN WOMEN WITH PATHOLOGICAL LOVE AND ITS RELATIONSHIP WITH VIOLENCE BY INTIMATE PARTNERS

ASPECTOS PSICOSOCIALES DE LA TRANSMISIÓN INTERGENERACIONAL EN MUJERES CON AMOR PATOLÓGICO Y SU RELACIÓN CON LA VIOLENCIA DE PAREJA

Luciana Gomes Martins[1]

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar padrões geracionais do amor patológico, e a maneira como ocorre a sua associação com a violência por parceiro íntimo, através de pesquisa de campo com três gerações de mulheres com amor patológico. Trata-se de uma pesquisa de caráter misto (qualiquantitativo), cuja amostra analisada foi constituída de 41 alunas do curso de Psicologia (filhas), 18 das quais possuíam mães e avós vivas, sendo que 11 delas participaram de todas as etapas do estudo (filha-mãe e avó materna), sendo os dados coletados submetidos a diversos protocolos específicos. Os resultados obtidos indicam que a EAA (Escala de Atitude de Amor), apresenta alto grau de possessividade (AMOR MANIA), principalmente com filhas e mães, diminuindo esta incidência quando se trata das avós; quanto à EAR, no geral as três gerações apresentam um grau de satisfação mediano nos seus relacionamentos; quanto ao Questionário MADA as três gerações responderam sim para 3 ou mais perguntas, caracterizando sofrerem de amor patológico (ou Amam demais), apontando que as avós apresentam um menor grau de dependência; quanto ao Questionário de violência, apresenta um quadro de maior incidência para a violência psicológica, física e sexual sofrida pelas filhas; quanto à vivência de violência na infância a grande maioria (mais de 70%) não vivenciaram. Assim, esta população parece repetir modelos de comportamento feminino tradicional, com agravante na geração das filhas trazendo uma reflexão para as questões da sociedade de consumo na qual se vive hoje.
Palavras-chave: Amor Patológico; Padrão Geracional/Transgeracional; Violência por Parceiro Intimo.

Abstract: This article aims to analyze generational patterns of pathological love and how it is associated with intimate partner violence, through field research with three generations of women with pathological love. This is a mixed-methods (qualitative and quantitative) study, whose analyzed sample consisted of 41 female psychology students (daughters), 18 of whom had living mothers and grandmothers, with 11 of them participating in all stages of the study (daughter-mother and maternal grandmother), and the collected data being submitted to several specific protocols. The results obtained indicate that the LAS (Love Attitude Scale) shows a high degree of possessiveness (LOVE MANIA), mainly with daughters and mothers, decreasing this incidence when it comes to grandmothers; Regarding EAR, in general, the three generations show a median degree of satisfaction in their relationships; regarding the MADA Questionnaire, all three generations answered yes to 3 or more questions, characterizing that they suffer from pathological love (or love too much), indicating that grandmothers show a lower degree of dependence; regarding the Violence Questionnaire, it presents a picture of a higher incidence of

[1] Faculdade Irecê, Irecê - BA, Brasil. E-mail: luciana_gomes_martins@hotmail.com ORCID https://orcid.org/0009-0001-2275-7608

psychological, physical, and sexual violence suffered by daughters; regarding the experience of violence in childhood, the vast majority (more than 70%) did not experience it. Thus, this population seems to repeat traditional female behavior patterns, with an aggravating factor in the daughters' generation, bringing a reflection on the issues of the consumer society in which we live today.
Keywords: Pathological Love; Generational/Transgenerational Pattern; Intimate Partner Violence.

Resúmen: Este artículo analiza los patrones generacionales del amor patológico y su asociación con la violencia de pareja, mediante una investigación de campo con tres generaciones de mujeres con este trastorno. Se trata de un estudio de métodos mixtos (cualitativos y cuantitativos), cuya muestra estuvo compuesta por 41 estudiantes de psicología (hijas), 18 de las cuales tenían madres y abuelas vivas. Once de ellas participaron en todas las etapas del estudio (hija-madre y abuela materna), y los datos recopilados se sometieron a diversos protocolos específicos. Los resultados obtenidos indican que la Escala de Actitudes hacia el Amor (EAA, por sus siglas en inglés) muestra un alto grado de posesividad (obsesión por el amor), principalmente en hijas y madres, disminuyendo esta incidencia en el caso de las abuelas. En cuanto a la Escala de Satisfacción con la Pareja (EAR, por sus siglas en inglés), en general, las tres generaciones muestran un grado medio de satisfacción en sus relaciones. En cuanto al Cuestionario MADA, las tres generaciones respondieron afirmativamente a tres o más preguntas, lo que indica que padecen amor patológico (o aman en exceso), y que las abuelas muestran un menor grado de dependencia. Respecto al Cuestionario de Violencia, se observa una mayor incidencia de violencia psicológica, física y sexual en las hijas. En cuanto a la experiencia de violencia en la infancia, la gran mayoría (más del 70%) no la sufrió. Por lo tanto, esta población parece repetir patrones de comportamiento femenino tradicionales, con un factor agravante en la generación de las hijas, lo que invita a reflexionar sobre los problemas de la sociedad de consumo actual.
Palabras clave: Amor patológico; Patrón generacional/transgeneracional; Violencia de pareja.

Esta pesquisa trata do fenômeno do Amor Patológico e se baseia na experiência da Psicologia Clínica, examinando diversos casos de mulheres que sofrem em seus relacionamentos íntimos. Com base em seus pedidos de ajuda, os estudos foram intensificados com o objetivo de compreender como auxiliá-las em seu sofrimento.

Ao longo da pesquisa, alguns pontos fundamentais e necessários para a compreensão da complexa teia em que essas mulheres se encontram enredadas foram descobertos, tais como: ambiente social, amor patológico, padrões geracionais, formação da identidade masculina e feminina, violência em geral e formas específicas, casamento, entre outros.

Os aspectos psicossociais da transmissão geracional em mulheres com amor patológico foram relacionados à violência de seus parceiros íntimos. Observa-se que esses aspectos geralmente se repetem ao longo das gerações e podem ser influenciados por fatores familiares internos — a maneira como a família lida com essas questões — e fatores externos — fatores culturais, históricos e econômicos.

Essa forma de amor, além de causar sofrimento, se torna um fator desencadeador de violência por parceiro íntimo. Isso ocorre porque as mulheres que carregam dentro de si o amor patológico não

percebem que essa forma de amar é prejudicial a si e aos outros membros do núcleo familiar, e repetem padrões comportamentais e emocionais em suas relações famíliares. E, em seu sofrimento para manter um relacionamento, elas tentam salvar o parceiro, o que gera discórdia e violência entre eles.

Diante de tanto sofrimento e violência entre casais, e com o objetivo de propor formas de apoio que possam intervir e romper os padrões — que tendem a perpetuar essa história através dos filhos — , este estudo examina como os aspectos psicossociais da transmissão intergeracional em mulheres com amor patológico se relacionam com a violência de seus parceiros íntimos.

O objetivo geral desta pesquisa é portanto analisar os padrões intergeracionais em três gerações de mulheres com amor patológico e de que forma ocorre a associação com a violência por parceiro íntimo. Objetivos específicos são: (1) avaliar a associação entre os dois fenômenos que serão estudados em três gerações na linha direta de parentesco (filha, mãe, avó); (2) descrever os padrões intergeracionais associados ao amor patológico e aos tipos de violência por parceiro íntimo; (3) compreender os comportamentos, crenças, valores e mitos familiares que levam ao amor patológico e à violência por parceiro íntimo.

Ao examinar essas mulheres, que repetem essas histórias como se estivessem acorrentadas à sua ancestralidade, este levantamento foi desenvolvido com o objetivo de dar maior visibilidade ao conteúdo, de forma a permitir encontrar o apoio necessário para melhorar sua qualidade de vida e, assim, ajudá-las a se libertar desses padrões geracionais.

A questão central que se coloca é: como podemos romper com esses padrões que mantêm essas mulheres acorrentadas a um “destino maligno”?

O estudo da epigenética responderá que a interação entre genes e ambiente determina o surgimento de fenótipos. A epigenética e as teorias do desenvolvimento humano buscam alterar as fronteiras entre o que é conhecido como características herdadas e adquiridas. Elas buscam novas maneiras de compreender os processos de desenvolvimento patológico e, principalmente, determinar as contribuições da biologia e do ambiente, não como fatores independentes, mas como complementares e integrados na construção da vulnerabilidade à doença psíquica.

O levantamento foi desenvolvido por meio de trabalho de campo combinando métodos qualitativos e quantitativos para verificar especialmente como os padrões geracionais em mulheres que

vivenciam o amor patológico estão associados à violência por parceiro íntimo. O questionário completo foi aplicado a três gerações (avó, mãe e filha), como se verá a seguir na seção metodologia.

Este artigo está estruturado em seis capítulos, sendo esta introdução, seguida pela fundamentação teórica, pela metodologia, pelos resultados, pelas considerações finais e, finalmente, pelas referências.

Fundamentação Teórica

Neste estudo, a análise parte de dois conceitos fundamentais, o conceito de amor patológico, e o conceito de transmissão intergeracional, os quais são abordados de forma sucinta nesta seção.

O Amor Patológico e o Sofrimento das Mulheres

Nesta subseção, trata-se do conceito de amor patológico. O chamado amor patológico refere-se a formas de vínculo afetivo marcadas pela dependência emocional extrema, pela submissão, pelo medo de abandono e pela incapacidade de estabelecer limites saudáveis nas relações amorosas. Segundo Sophia et al. (2005), esse tipo de relação se caracteriza por um investimento afetivo desproporcional, no qual a mulher tende a se anular para manter o parceiro, mesmo diante de conflitos, violência simbólica ou material, infidelidade ou instabilidade emocional.

A autora descreve que a mulher presa ao amor patológico vive uma contradição permanente: deseja preservar a relação ao mesmo tempo em que sofre profundamente por ela.

Em Sophia (2007), aprofunda-se a compreensão de como fatores psicológicos e socioculturais sustentam tais vínculos adoecidos. Papéis tradicionais de gênero, idealizações românticas e modelos familiares internalizados tornam-se parte de um repertório emocional que limita a autonomia pessoal. A autora destaca que muitas mulheres acreditam que “amar significa suportar”, criando um ciclo de tolerância à dor afetiva que se retroalimenta.

A teoria do apego, desenvolvida por Bowlby (2002), oferece base importante para compreender por que algumas mulheres permanecem em relações tóxicas. Segundo o autor, vínculos estabelecidos

na infância moldam padrões de apego que são reatualizados na vida adulta. Indivíduos com apego ansioso tendem a buscar aprovação constante, temer a perda e aceitar condições indignas para preservar a relação. Assim, histórias infantis marcadas por negligência, instabilidade emocional ou ambivalência parental contribuem para a formação de vínculos amorosos disfuncionais.

Barcelos (1993) complementa essa abordagem ao discutir como as relações afetivas adoecidas se perpetuam por mecanismos de idealização do parceiro e autoacusação da mulher. A autora enfatiza que muitas mulheres internalizam a culpa pelo fracasso da relação, acreditando que "não são boas o suficiente", o que reforça a submissão emocional.

Por fim, Riso (2008) introduz uma reflexão sobre a racionalização exagerada do amor, destacando que o vínculo saudável deve ser equilibrado, recíproco e maduro. Para ele, relações baseadas em dependência, controle ou sofrimento crônico não são expressões de amor, mas de vínculos afetivos disfuncionais que comprometem a individualidade e a saúde emocional.

O amor patológico traz consequências profundas para a mulher e sua família. No nível individual, gera baixa autoestima, ansiedade, depressão, isolamento e sentimentos de vazio. No âmbito familiar, provoca disfunções relacionais, rupturas emocionais, impactos sobre filhos e normalização da violência ou da dependência afetiva. Assim, o sofrimento vivenciado não se restringe à vítima direta, mas se estende ao sistema familiar como um todo.

Transmissão Intergeracional e Ciclos de Sofrimento

Nesta subseção trata-se do fenômeno da transmissão intergeracional, que se refere ao modo como padrões emocionais, comportamentais e relacionais são transmitidos de uma geração para outra, influenciando a formação psíquica dos indivíduos e a dinâmica das famílias. Segundo Correa (2000), famílias funcionam como sistemas que compartilham crenças, mitos, regras e formas de lidar com o afeto e o conflito. Desse modo, filhos crescem internalizando modelos de amor, sofrimento e enfrentamento aprendidos com os cuidadores.

Rosa (2001) reforça que a transmissão intergeracional não ocorre apenas por meio de práticas explícitas, mas também por processos inconscientes, silenciosos e sutis. A autora descreve que

emoções não elaboradas — como insegurança, medo, solidão ou dependência — podem atravessar gerações, influenciando escolhas amorosas e padrões de comportamento. Assim, filhas de mulheres que sofreram com o amor patológico podem desenvolver tendência a reproduzir vínculos semelhantes, seja por identificação com a figura materna, seja por falta de modelos alternativos de relação afetiva saudável.

Já Maluschke-Bucher (2008) destaca que os laços familiares constituem uma teia complexa na qual o sofrimento pode ser mantido por repetições inconscientes. A autora argumenta que a dependência emocional, a submissão, a dificuldade de estabelecer limites e a tolerância ao abuso podem ser aprendidos como se fossem formas “normais” de amar. A transmissão intergeracional, portanto, não é simplesmente a repetição de comportamentos, mas a perpetuação de uma lógica afetiva que organiza o modo como a mulher percebe, interpreta e vivencia o amor.

Esse processo produz consequências significativas. Mulheres inseridas em ciclos intergeracionais de sofrimento amoroso podem:

- naturalizar relações abusivas;
- confundir controle com cuidado;
- reproduzir crenças familiares que romantizam sacrifício e submissão;
- desenvolver baixa autoestima e medo da autonomia;
- repetir escolhas afetivas que reforçam o ciclo de dor emocional.

No âmbito familiar, a transmissão intergeracional mantém o sofrimento coletivo. Filhos e filhas expostos a relações marcadas por amor patológico aprendem modelos emocionais prejudiciais que influenciarão seus próprios relacionamentos. Assim, a dor da mulher não permanece isolada: ela ecoa, perpetua-se e molda gerações futuras.

Metodologia do Trabalho de Campo

Esta pesquisa utiliza trabalho de campo para verificar como os padrões geracionais em mulheres com amor patológico estão associados à violência por parceiro íntimo.

A metodologia é qualiquantitativa, interpretativa e comparativa, com foco em três gerações de mulheres na linhagem sucessiva: filha, mãe e avó. Os instrumentos utilizados foram (1) um questionário semiestruturado de perfil sociodemográfico; (2) a Escala de Atitudes em Relação ao Amor (EAR): (3) a Escala de Atitudes em Relação ao Relacionamento (EAA); (4) o Questionário MADA – Mulheres que Amam Demais e (5) o Questionário de Violência da OMS.

Desenho Amostral

Este estudo propõe comparar três gerações de mulheres na linhagem direta de filha, mãe e avó, partindo da premissa de que a filha é portadora de amor patológico. Uma amostra de conveniência de 20 filhas com amor patológico foi estimada para o projeto de pesquisa e, a partir daí, o estudo foi conduzido com 20 mães e 20 avós. Apesar dessa estimativa inicial, para aumentar o poder estatístico, o tamanho da amostra foi expandido para 41 filhas. A pesquisa foi realizada na Faculdade Irecê (FAI), instituição de ensino superior localizada na Rua Rio Iguaçu, 397, cidade de Irecê, Bahia, Brasil, Website: http://faifaculdade.com.br.

O critério de inclusão para a pesquisa foi ser mulher, estudante do curso de Psicologia da Faculdade Irecê (FAI), maior de 18 anos, em relacionamento estável há mais de um ano, ou ter vivenciado um relacionamento por período superior a esse, e apresentar comportamento afetivo patológico, conforme confirmado após a aplicação dos instrumentos de avaliação.

O critério de exclusão para a pesquisa foi a ausência de comportamento afetivo patológico, conforme confirmado pelos instrumentos de avaliação aplicados.

Quanto às garantias éticas para as participantes, um termo de compromisso foi inicialmente assinado pela autora deste trabalho, estipulando que o estudo só teria início após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, dentro do processo 08597519.2.0000.8060, disponível na Plataforma Brasil. O estudo foi então aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste da Bahia, conforme parecer Nº 3.461.382 de 19 de julho de 2019.

A confidencialidade dos dados das participantes foi garantida e suas identidades são protegidas. Além disso, quando disponíveis, seus prontuários médicos e/ou outros documentos foram identificados por código, e não por nome.

O cadastro das participantes foi feito discretamente, contendo códigos, nomes e endereços para uso exclusivo da pesquisadora. Certificou-se que as participantes recebessem uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, em caso de desistência, este termo é devolvido à participante.

Os dados foram compilados em planilha MS-Excel 2013® de forma que não seja possível haver qualquer identificação das participantes do estudo. Em seguida, os dados foram analisados através de estatística descritiva, conforme os protocolos observados. Sempre que possível, foram gerados gráficos e tabelas de contingência de forma a visualizar associações entre variáveis e fenômenos de interesse.

Caracterização da Amostra

Inicialmente, foram abordadas 41 alunas do sexo feminino, heterossexuais, maiores de 18 anos, matriculadas no curso de Psicologia da Faculdade de Irecê – FAI, do 1º ao 8º semestre de 2020. É importante ressaltar que as alunas desta instituição são residentes tanto em Irecê, quanto nas vinte e uma cidades que compõem o território de Irecê e a Chapada Diamantina, no Estado da Bahia, como apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Características da Amostra.

Estudantes	***MADAS[1]***	***Mães participantes***	***Avós participantes***	***Estados civis***

41 - Total	22 - Sim	12 - Sim	07 – Sim	05 - único
				02 Apaixonar-se
			05 - Não	02 - Casado
				02 - Único
				01 - Apaixonar-se
		10 - Não	10 - Não	04 - Casado
				04 - único
				01 - Apaixonar-se
				01 – Novia
	19 - Não	12 - Sim	05 - Sim	04 – único
				01 – Apaixonar-se
			07 - Não	02 - Casadas
				05 – único
		07 - Não	07 - Não	04 - Apaixonar-se
				01 - único
				01 - Unión Estable
				01 - Apaixonar-se

[1] Participantes previamente classificadas como “muheres que amam demais”.

Perfil Socioeconômico das participantes

As seguintes características revelam o perfil das estudantes inicialmente entrevistadas neste estudo: Faixa Etária e Profissão, Ocupação e Jornada de Trabalho, Renda Familiar Mensal, Estado Civil e Tempo de Relação Amorosa.

A idade média das estudantes inicialmente entrevistadas é de 26 anos e 8 meses, sendo a mais jovem com aproximadamente 19 anos e a mais velha com 41 anos. Cerca de 61% das estudantes têm entre 21 e 25 anos.

Em relação à profissão/ocupação declarada pelas participantes, a maioria (56%) se identificou como estudante; as demais se distribuíram entre outras 17 ocupações.

A Tabela 2 apresenta a Renda Familiar.

Tabela 2. *Renda Familiar mensal das participantes.*

Renda familiar	***Frequência***	***%***

Até 01 Salário mínimo	7	17,07%
Mais que 01 até 02 Salários mínimos	11	26,83%
Mais que 02 até 03 Salários mínimos	9	21,95%
Mais que 03 até 05 Salários mínimos	4	9,76%
Acima de 05 Salários mínimos	2	4,88%
Sem informações	18	43,90%
Total Geral	**41**	**100,00%**

Como se vê na tabela 2, a renda familiar média mensal das estudantes é de aproximadamente 1,78 salários mínimos, equivalente a R$ 1.958,00 no momento da pesquisa. Cabe ressaltar que aproximadamente 18 participantes não possuíam renda ou não a declararam no estudo. O participante com a maior renda familiar declarou 8 salários mínimos (R$ 8.800,00 em valores de então). A maioria das estudantes (49%) possuia renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos.

Quanto ao Estado Civil, aparece na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3. *Estado Civil das participantes.*

Estado civil	***Frequência***	***%***
Solteira	20	48,78%
Em uma relação	9	21,95%
Casada	9	21,95%
União Estável	1	2,44%
Solteira (02 dias de ruptura)	1	2,44%
Comprometida	1	2,44%
Total Geral	**41**	**100,00%**

Como se vê na Tabela 3, pouco mais da metade das estudantes (51%) estavam solteiras durante o período de estudo, 22% estavam namorando, 24% estavam casadas ou tinham um relacionamento estável, e 2% estavam noivas.

A Tabela 4 apresenta o tempo de duração dos relacionamentos das participantes.

Tabela 4. *Duração dos relacionamentos amorosos das participantes*.

Tempo de relacionamento (último ou atual)	***Frequência***	***%***
Menos de 01 ano	6	14,63%

De 01 a 02 anos	10	24,39%
Mais que 02, até 03 anos	5	12,20%
Mais que 03, até 05 anos	4	9,76%
Mais que 05, até 10 anos	6	14,63%
Mais que 10 anos	3	7,32%
Sem informação	7	17,07%
Total Geral	**41**	**100,00%**

Como se vê na Tabela 4, em média os relacionamentos das participantes duram cerca de 3 anos e 4 meses, sendo que o mais longo chega a 20 anos. Algumas estudantes ainda não tiveram experiência em relacionamentos.

Na Tabela 5, o número de relações amorosas vivenciados pelas respondentes.

Tabela 5. *Relacionamentos das participantes.*

Relacionamento atual	***Frequência***	***%***
Primeiro	15	36,59%
Segundo	9	21,95%
Terceiro	7	17,07%
Quarto	2	4,88%
Sem informação	8	19,51%
Total Geral	**41**	**100,00%**

Quanto às mães e avós vivas, 32 participantes ou 78% da amostra tinha mãe viva no momento da pesquisa. Já quanto às avós, 21 delas ou 51% tinham avó viva, conforme apresentado na Tabela 6.

Tabela 6. *Mães e avós vivas.*

Mães e Avós vivas	***Frequência***	***%***
Mãe e Avó	18	43,90%
Somente Mãe	14	34,15%
Somente Avó	2	4,88%

Nenhuma	7	17,07%
Total Geral	**41**	**100,00%**

Como este é um dos aspectos principais do estudo, o grupo amostral foi restringido a estudantes de psicologia do 1º ao 8º semestre da FAI/Irecê que tinham mãe e avó vivas. Assim, a amostra inicial de 41 estudantes foi reduzida para 18 participantes.

Dessas 18 estudantes com mães e avós, apenas 11 participaram de todas as etapas do estudo (filha, mãe e avó), assim o grupo amostral foi reduzido de 18 para 11 estudantes.

Escala de Atitudes de Amor

O Questionário da Escala de Atitudes de Amor é composto por 24 itens, divididos em seis estilos de amor, resultando em pontuações que indicam o estilo predominante do indivíduo, tal como propõe Lee (1977):

- Eros – itens 1 a 4: atração física; compromisso mútuo; seguro; não inclui possessividade.
- Ludus – itens 5 a 8: sedução; liberdade sexual; vê o amor como um jogo.
- Estorge – itens 9 a 12: afinidad; normalmente surge de uma longa amizade.
- Pragma – itens 13 a 16: avaliação dos pretendentes antes de involucrar; Vemos o amor como uma questão prática.
- Manía – itens 17 a 20: obsessão; ciúme; o indivíduo se sente obrigado a atrair continuamente a atenção de seu parceiro.
- Ágape – itens 21 a 24: proteção e cuidado; apoio incondicional; altruísmo.

Tabela 7. *Respostas ao Questionário da Escala de Atitudes de Amor.*

Escalas de atitudes de amor:		***Respostas***						***Total Geral***
		A	**B**	**C**	**D**	**E**	**Sem informação**	
	Pergunta 01	13	14	11	3	0	0	**41**
	Pergunta 02	9	9	15	3	5	0	**41**

Eros	**Pergunta 03**	14	13	6	5	3	0	**41**
	Pergunta 04	14	10	11	2	3	1	**41**
Ludus	**Pergunta 05**	8	8	7	12	6	0	**41**
	Pergunta 06	6	3	4	6	22	0	**41**
	Pergunta 07	7	7	2	5	20	0	**41**
	Pergunta 08	5	5	7	8	16	0	**41**
Estorge	**Pergunta 09**	5	2	3	11	20	0	**41**
	Pergunta 10	3	8	4	8	18	0	**41**
	Pergunta 11	4	5	8	8	16	0	**41**
	Pergunta 12	6	6	7	9	13	0	**41**
Pragma	**Pergunta 13**	3	3	4	8	23	0	**41**
	Pergunta 14	10	8	5	6	12	0	**41**
	Pergunta 15	7	2	6	7	19	0	**41**
	Pergunta 16	1	0	2	8	30	0	**41**
Mania	**Pergunta 17**	9	9	6	7	8	1	**41**
	Pergunta 18	6	3	3	9	20	0	**41**
	Pergunta 19	9	8	5	6	13	0	**41**
	Pergunta 20	3	7	2	11	18	0	**41**
Ágape	**Pergunta 21**	7	7	4	8	15	0	**41**
	Pergunta 22	2	6	3	11	19	0	**41**
	Pergunta 23	6	7	2	13	13	0	**41**
	Pergunta 24	4	3	7	9	18	0	**41**

Fonte: Elaborado pela autora, com dados da pesquisa.

Analisando as respostas a cada uma das perguntas, observe-se que nas perguntas 01, 03 e 04 predominam as respostas A, B e C. Na pergunta 14 predominam as alternativas A e E. Nas perguntas 05, 14, 20, 22 e 23 a maioria das respostas é D e E. Para o resto das perguntas prevalece a alternativa D.

Escala de avaliação de relações (EAR)

As respostas das participantes ao formulário EAR é apresentada na Tabela 8 a seguir. Em geral, para as perguntas 01, 02 e 05, a maioria das estudantes (18, 18 e 16, respectivamente) respondeu a alternativa “C”. Nas perguntas 03 e 06, a maioria (20 e 25 alunas, respectivamente) respondeu “E”. Em relação às perguntas 04 e 07, predomina a alternativa “A”.

Tabela 8. *Respostas ao Questionário da Escala de Avaliação de Relações.*

	A	***B***	***C***	***D***	***E***	***Sem Informação***	**Total Geral**
Pergunta 01	4	2	18	8	9	0	**41**
Pergunta 02	3	3	18	8	9	0	**41**
Pergunta 03	4	0	13	4	20	0	**41**
Pergunta 04	21	3	15	0	2	0	**41**
Pergunta 05	7	3	16	4	11	0	**41**
Pergunta 06	1	0	11	3	25	1	**41**
Pergunta 07	19	6	8	1	7	0	**41**

Questionário da Organização Mundial da Saúde

Nas tabelas seguintes, são apresentados os resultados referentes às competições das participantes às perguntas do questionário da OMS.

Tabela 9. *Respostas ao Questionário da Organização Mundial de Saúde.*

Violência vivida na infância com os país?	**Qtde.**
Não	22
Sim	8
Sem Informação	11
Total Geral =>	**41**
Tipo de Violência vivida na infancia com os pais	**Qtde.**
Psicológica e física	4
Psicológica	3
Física	2
Sem Informação	32
Total Geral =>	**41**

Questionário MADA para saber se é uma 'mulher que ama demais'

O questionário contém 17 perguntas com respostas diretas de Sim ou Não. De acordo com a quantidade de respostas Sim que aparecem, o resultado se divide em Normal, de zero a três respostas positivas, Ruim com 4 a 6 respostas positivas e Patológico com resultados positivos de 6 a 17.

Tabela 10. *Análise dos Relacionamentos conforme o Questionário MADA.*

Resultado do Questionário MADA	***Quantidade***

Normal	19
Ruim	8
Patológico	14
Total Geral	**41**

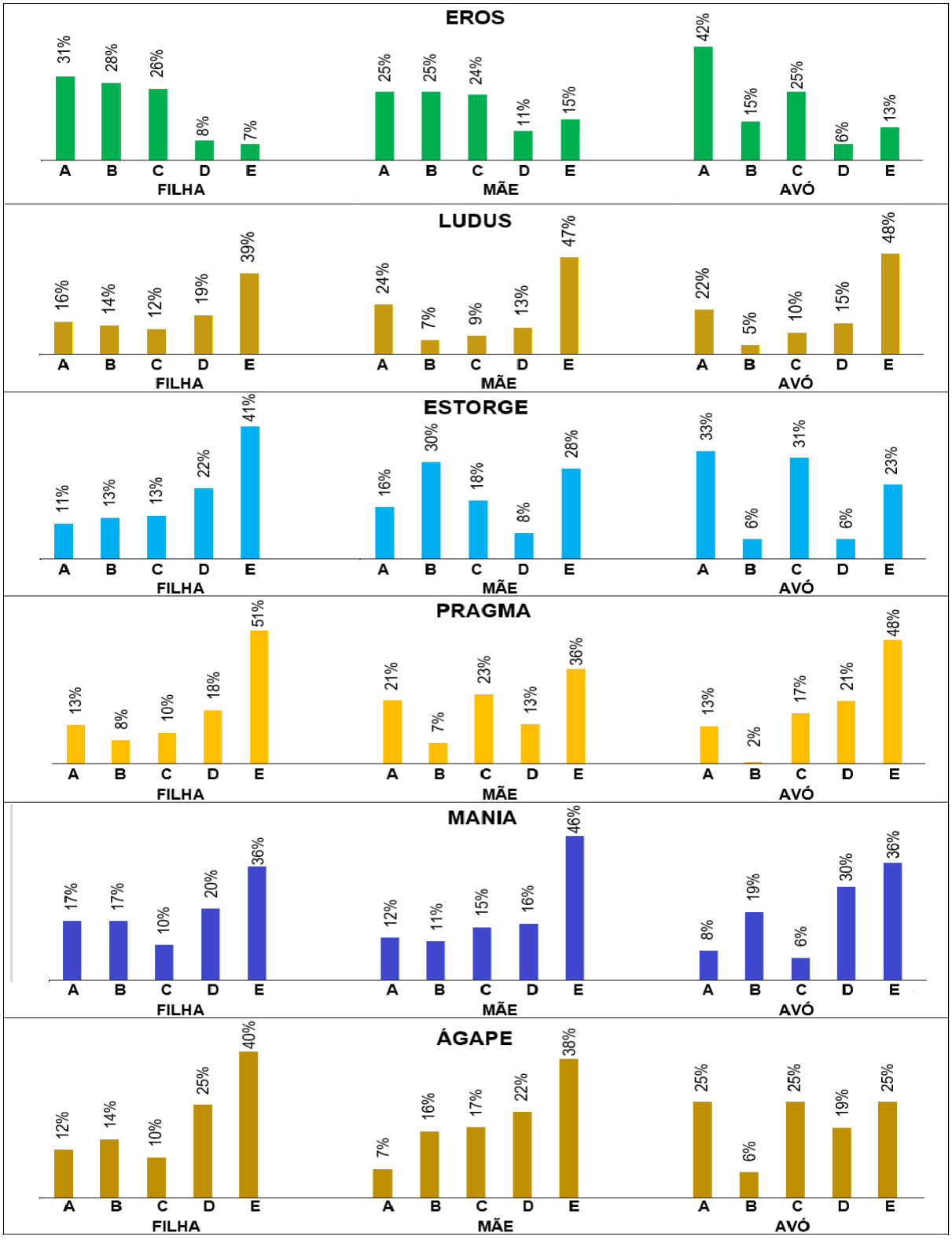
Como se observa na Tabela 10, dentre as 41 participantes, somente 19 ou menos da metade estabelecem relacionamentos afetivos que podem ser considerados 'normais', enquanto que 14, ou 34% do total, estabelecem relacionamentos considerados patológicos.

Resultados

Nesta seção, apresenta-se os principais achados da pesquisa de campo. A Figura 1 traz a percepção das respondentes à Escala de Atitudes do amor.

PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

Figura 1. *Percepção das respondentes aos grupos de afirmativas da Escala de Atitudes do amor.*



Em relação ao estilo de amor EROS, 59% das filhas, 50% das mães e 57% das avós concordam com as afirmações 15% das filhas discordam das afirmações, contra 26% das mães e 19% das avós. 26% das filhas, 24% das mães e 25% das avós são neutras.

Já quanto ao estilo de amor LUDUS, observou-se que a maioria dos respondentes discordou das afirmações, incluindo filhas, mães e avós. Especificamente, 58% das filhas discordaram, em comparação com 60% das mães e 63% das avós. Aproximadamente 30% das filhas concordaram com as afirmações, em comparação com 31% das mães e 27% das avós. Entre as filhas, 12% são neutras, assim como 9% das mães e 10% das avós.

Quanto ao amor ESTORGE, a maioria das filhas (63%) discorda das afirmações, em comparação com 36% das mães e 29% das avós. 13% das filhas, 18% das mães e 31% das avós são neutras. 24% das filhas, 46% das mães e 39% das avós concordam.

Em relação ao estilo amor PRAGMA, a maioria discorda das afirmações e o comportamento das filhas é semelhante ao das avós. 69% das filhas discordam, assim como 49% das mães e 69% das avós. Exatos 10% das filhas, 23% das mães e 17% das avós permanecem neutras. E 21% das filhas, 28% das mães e 15% das avós concordam.

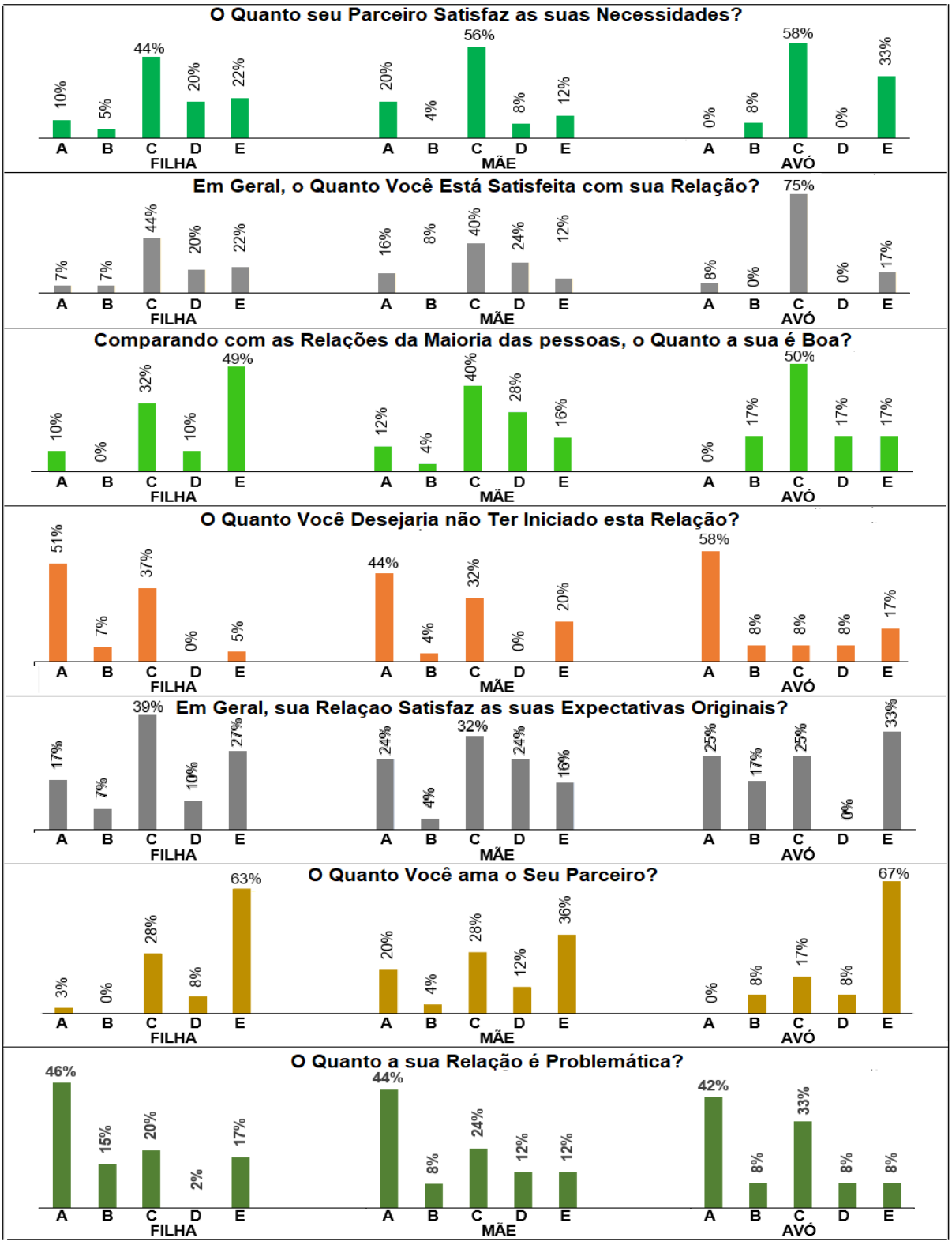
Quanto ao amor MANIA, 56% das filhas discordam, assim como 62% das mães e 66% das avós. São neutras 10% das filhas, 15% das mães e 6% das. Aproximadamente 34% das filhas concordam com as afirmações, assim como 23% das mães e 27% das avós.

Em relação ao estilo de amor ÁGAPE, 65% das filhas, 60% das mães e 44% das avós discordam. Respostas neutras foram encontradas entre 10% das filhas, 17% das mães e 25% das avós. Já 26% das filhas, 23% das mães e 31% das avós concordaram com as afirmações.

Prosseguindo na apresentação dos resultados, tem-se agora a (2) avaliação do relacionamento pelas participantes, na Figura 2.

PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

Figura 2. *Caracterização da Relação Atual pelas Respondentes.*



42% das filhas, 20% das mães e 33% das avós sentem que os parceiros atendem muito bem às suas necessidades. 15% das filhas, 24% das mães e 8% das avós sentem que seus parceiros não atendem. 44% das filhas, 56% das mães e 58% das avós são neutras.

Quanto à satisfação com o relacionamento, 42% das filhas, 36% das mães e 17% das avós se dizem satisfeitas. 24% das mães, 14% das filhas e 8% das avós estão insatisfeitas, 75% das avós têm satisfação moderada, contra 40% das mães e 44% das filhas.

Comparando seus relacionamentos com os de outras pessoas, 59% das filhas, 44% das mães e 34% das avós acham seus relacionamentos melhores. 10% das filhas, 16% das mães e 17% das avós veem seus relacionamentos piores do que os de outras pessoas.

58% das filhas, 48% das mães e 66% dizem nunca ter se arrependido de ter iniciado o relacionamento. 37% das filhas dizem que às vezes se arrependem de ter começado o relacionamento. 5% das filhas, 20% das mães e 17% das avós se arrependem sempre.

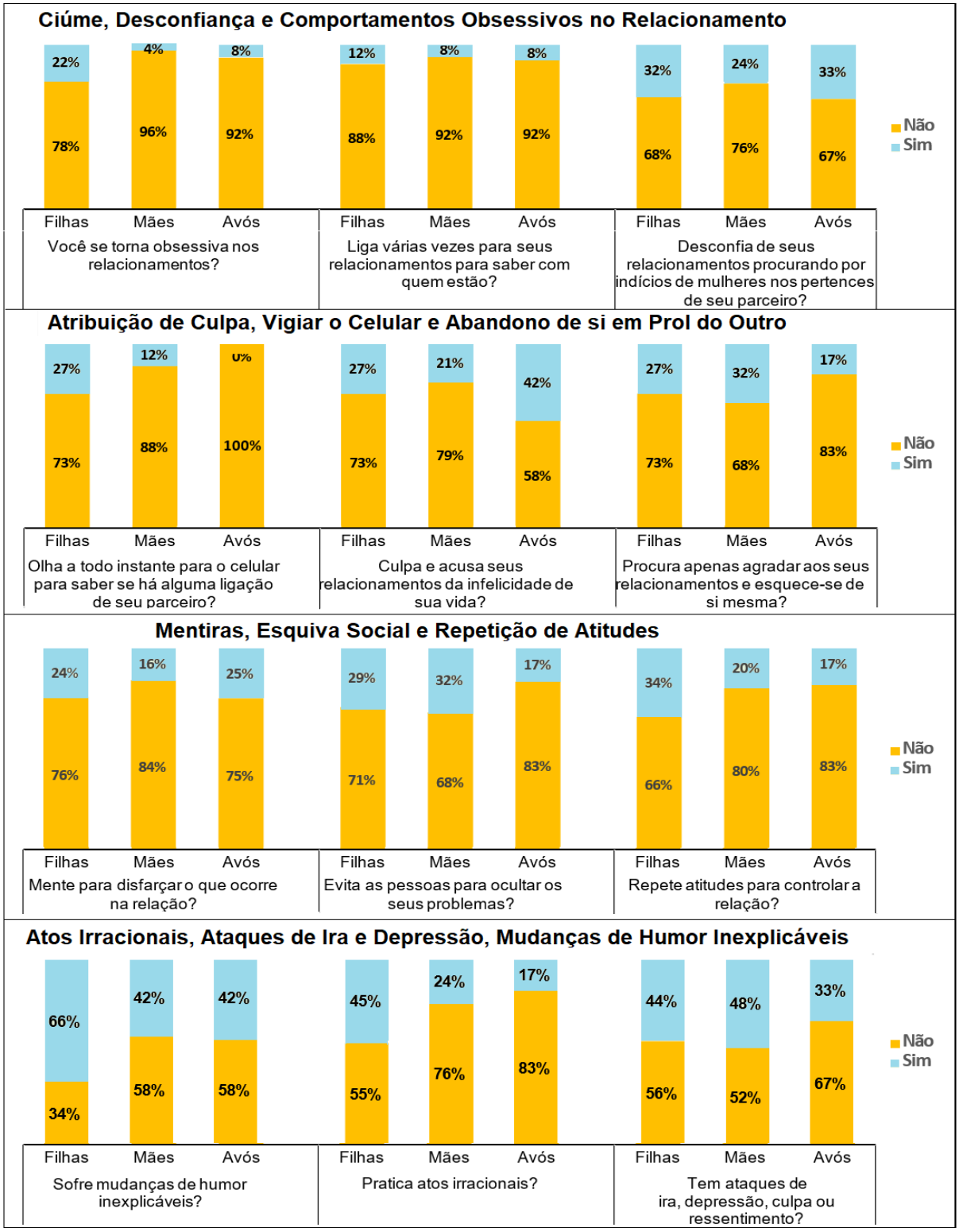
Vinte e quatro por cento das filhas, 28% das mães e 42% das avós afirmam que o relacionamento atendeu poucas das expectativas iniciais. 39% das filhas, 32% das mães e 25% das avós vêem o relacionamento mediano. 37% das filhas, 40% das mães e 33% das avós sentem que o relacionamento satisfaz plenamente suas expectativas iniciais.

Filhas e avós são as que mais os amam os parceiros. 71% das filhas, 48% das mães e 75% das avós dizem amar muito os parceiros. 28% das filhas, 28% das mães e 17% das avós amam moderadamente. 3% de filhas, 24% de mães e 8% de avós amam só um pouco.

61% das filhas, 52% das mães e 50% das avós têm relacionamentos problemáticos. Os relacionamentos de 20% das filhas, 24% das mães e 33% das avós são moderadamente problemáticos, de 19% das filhas, 24% das mães e 16% das avós são muito problemáticos.

A Figura 3 mostra a categorização das MADA's (Mulheres que Amam Demais).

Figura 3. *Caracterização das Respondentes a partir do Questionário MADA.*



As filhas relatam ser as mais obsessivas em seus relacionamentos (22%), em comparação com 8% das avós e 4% das mães. As filhas também são as que ligam com mais frequência para saber onde seus parceiros estão (12%), em comparação com 8% das mães e 8% das avós. As avós são as que mais desconfiam de seus parceiros (33%), seguidas pelas filhas (32%) e pelas mães (24%).

As filhas são as que constantemente verificam seus telefones em busca de ligações de seus parceiros (27%), em comparação com 12% das mães. Esse comportamento é praticamente inexistente entre as avós.

As avós são as que mais frequentemente admitem mentir para esconder o que está acontecendo no relacionamento (25%), em comparação com 24% das filhas e 16% das mães. As mães são mais propensas a evitar pessoas para esconder seus problemas (32%), em comparação com 29% das filhas e 17% das avós.

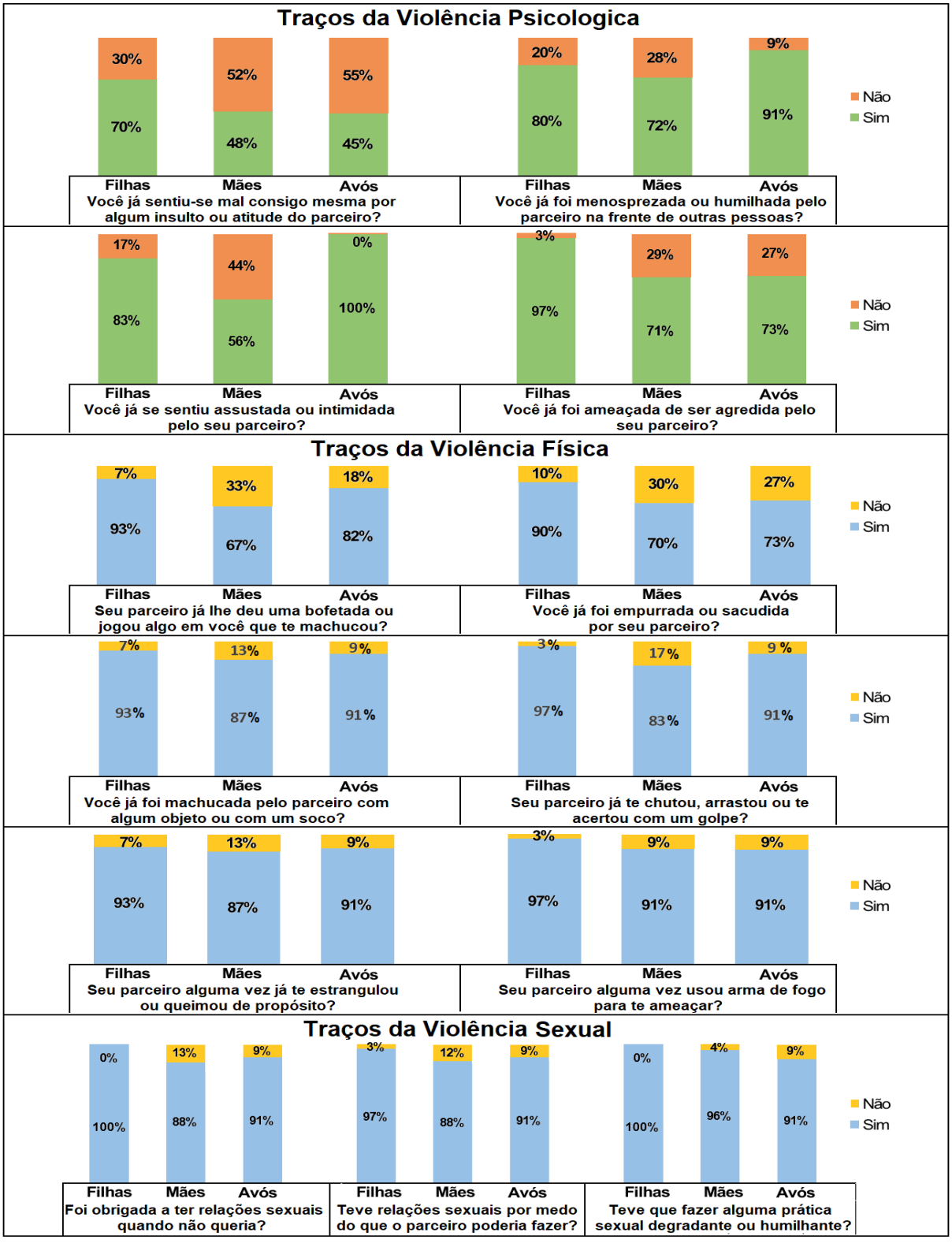
As filhas são mais propensas a exibir comportamentos controladores em seus relacionamentos (34%), em comparação com 20% das mães e 17% das avós. 66% das filhas experimentam mudanças de humor inexplicáveis, um fenômeno também relatado por 42% das avós e mães. As filhas também são mais propensas a admitir comportamentos irracionais (45%), em comparação com 24% das mães e 17% das avós.

As mães são mais propensas a relatar sentimentos de raiva e depressão (48%), em comparação com 44% das filhas e 33% das avós. As mães são mais propensas a relatar explosões de violência (28%), em comparação com 8% das filhas. Esse comportamento é praticamente inexistente entre as avós. Quase todas elas exibem o mesmo nível de autodepreciação e autojustificação: 24% das mães e filhas e 25% das avós.

Prosseguindo, finalmente, mostra-se na Figura 4 as características da violência sofrida.

PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

Figura 4. *Principais Características da Violência Sofrida pelas Respondentes*. .



Como se vê nos gráficos da Figura 4 acima, a maioria das filhas (70%) relata ter sido insultada ou ter sido humilhada devido a algum comportamento do parceiro. Entre as mães, essa porcentagem cai para 48% e, entre as avós, para 45%. De outro lado, 91% das avós relatam ter sido menosprezadas ou humilhadas pelos parceiros na frente de outras pessoas; entre as filhas, essa porcentagem é de 80% e, entre as mães, de 72%.

As mães são as que menos relatam ter se sentido assustadas ou intimidadas pelos parceiros (44%), em comparação com 17% das filhas. Esse comportamento foi relatado por todas as avós (100%). As filhas são as que mais relatam ter sido ameaçadas de violência física pelos parceiros (97%), em comparação com 71% das mães e 73% das avós. As filhas são mais propensas a relatar terem sido esbofeteadas ou terem objetos atirados contra elas pelos parceiros (93%), em comparação com 82% das avós e 67% das mães.

As filhas também são mais propensas a relatar terem se sentido empurradas ou agredidas por seus parceiros (90%), em comparação com 73% das avós e 70% das mães. Já 93% das filhas relatam ter sido machucadas por um soco ou um objeto. Entre as avós, essa porcentagem é de 91% e, entre as mães, é de 87%.

Cerca de 97% das filhas relatam ter sido chutadas, arrastadas ou agredidas por seus parceiros. Entre as avós, esse número cai para 91% e, entre as mães, para 83%. Cerca de 93% das filhas relatam ter sido estranguladas ou queimadas intencionalmente por seus parceiros. 91% das avós, assim como 87% das mães, também relatam tais incidentes. 97% das filhas relatam ter sido ameaçadas com armas por seus parceiros, assim como 91% das mães e avós.

Todas as filhas relatam ter sido fisicamente forçadas a fazer sexo contra a sua vontade, assim como 91% das avós e 88% das mães. 97% das filhas afirmam ter tido relações sexuais por medo do que seus parceiros poderiam fazer caso se recusassem. O mesmo ocorre com 91% das avós e 88% das mães.

Todas as filhas relatam ter sido forçadas a praticar um ato sexual que consideravam degradante ou humilhante (100%), assim como 96% das mães e 91% das avós.

Considerações Finais

Este trabalho, no âmbito do Doutoramento em Psicologia Social, teve como objetivo analisar padrões geracionais do amor patológico em uma amostra de mulheres, e a maneira como ocorre a sua associação com a violência por parceiro íntimo;

A pesquisa de campo foi realizada com uma amostra constituída de três gerações de mulheres com amor patológico, em uma investigação com caráter misto (qualiquantitativo), com um total de 41 alunas do curso de graduação em Psicologia (filhas), 18 das quais possuíam mães e avós vivas, sendo que 11 delas participaram de todas as etapas do estudo (filha-mãe e avó materna).

Os dados coletados foram submetidos a diversos protocolos específicos. Os resultados obtidos indicam que a EAA (Escala de Atitude de Amor), apresenta alto grau de possessividade (AMOR MANIA), principalmente com filhas e mães, diminuindo esta incidência quando se trata das avós.

Qquanto à EAR, no geral as três gerações apresentam um grau de satisfação mediano nos seus relacionamentos

No que diz respeito ao Questionário MADA, as três gerações responderam sim para 3 ou mais perguntas, caracterizando sofrerem de amor patológico (ou Amam demais), apontando que as avós apresentam um menor grau de dependência.

Sobre o Questionário de violência, apresenta um quadro de maior incidência para a violência psicológica, física e sexual sofrida pelas filhas. Assim, esta população parece repetir modelos de comportamento feminino tradicional, com agravante na geração das filhas trazendo uma reflexão para as questões da sociedade de consumo na qual se vive hoje.

Considera-se que este trabalho contribuiu para o campo da Psicologia Social, pois auxiliou, em parte, a compreender os processos pelos quais o sofrimento produzido pelos relacionamentos amorosos se reproduz, e a sua associação com a violência.

Espera-se que os resultados aqui apresentados possam auxiliar na fundamentação de novos estudos e meta-análises, e sobretudo, que auxiliem a evolução dos estudos deste campo no Brasil e na América Latina, onde os índices de violência contra a mulher, e o feminicício, são alarmantes e estáveis nos últimos anos.

Referências

Barcelos, N. S. (1993). *Amor patológico: A doença de amar demais*. Vozes.

Bowlby, J. (2002). *Vínculos afetivos: Formação, desenvolvimento e perda*. Martins Fontes.

Correa, O. L. (2000). *Transmissão psíquica entre gerações: Vínculos, traumas e subjetivação*. Artes Médicas.

Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and social psychology bulletin*, *3*(2), 173-182.

Maluschke-Bucher, A. (2008). Processos de transmissão intergeracional: A circulação da experiência e seus impactos na subjetividade. *In:* S. L. Mello & I. C. Silva (Orgs.), *Família, laços e transmissão psíquica* (pp. 57–82). Casa do Psicólogo.

Rosa, M. D. (2001). *Laços familiares e transmissão do legado psíquico*. Escuta.

Riso, W. (2008). *Amar ou depender? Como superar o apego afetivo e tornar-se emocionalmente independente*. Planeta.

Sophia, E. (2007). *Mulheres que amam demais: Dependência afetiva e sofrimento psíquico*. Summus.

Sophia, E., et al. (2005). Amor patológico: Dependência afetiva e padrões relacionais doentios. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia*, 9(2), 45–62.